

HABILIDADES SOCIAIS E O ABUSO DE DROGAS NO CONTEXTO FAMILIAR

Leda Rúbia Corbulim Maurina¹
Claudia Mara Bosetto Cenci²
Marcia Fortes Wagner³
Ana Caroline Martinelli⁴
Priscila Cerutti⁵
William Webber Ceconello⁶

RESUMO

O presente artigo é uma revisão bibliográfica que objetiva relacionar os temas: habilidades sociais, família e abuso de drogas. Para a realização da pesquisa foi feita uma busca nas bases de dados Scielo, Pepsic e BVS, bem como consultados livros referentes à temática abordada. Pode-se dizer que em todos os tempos e civilizações o abuso de drogas esteve presente, sendo assim, não se pode pensar em uma sociedade sem drogas em função da busca pelos efeitos múltiplos que as substâncias podem proporcionar aos indivíduos, entre eles, a luta contra algum sofrimento decorrente de relações insatisfatórias. Neste contexto, a família se torna extremamente importante, visto que as relações familiares necessitam de competências interpessoais de seus membros para que desenvolvam convivências satisfatórias, oferecendo um ambiente de proteção diante de eventos ameaçadores.

Palavras-Chave: Habilidades sociais, drogas, família.

SOCIAL SKILLS AND DRUG ABUSE IN THE FAMILY CONTEXT

ABSTRACT

This article is a literature review that aims to relate the themes: social skills, family, and drugs abuse. To carry out de research, a Scielo, Pepsic and BVS database search was made, and books were consulted regarding the theme. It is possible to say that in all times and civilizations drug abuse was present, so you can not think of a drug-free society because of the search for multiple effects that substances may provide individuals, among them the fight against some suffering caused by unsatisfactory relationships. In this context, family is extremely important, since family relationships require interpersonal skills of members to develop satisfactory cohabitation, offering a protective environment in front of threatening events.

Keywords: Social skills, drugs, family.

¹ Doutoranda em Psicologia (PUCRS), Professora da Faculdade Meridional (IMED/RS).

² Doutoranda em Psicologia (PUCRS), Professora da IMED/RS.

³ Doutora em Psicologia (PUCRS), Professora e Coordenadora do Grupo de Pesquisa Avaliação e Promoção de Habilidades Sociais no Transtorno de Ansiedade Social da IMED/RS.

⁴ Graduanda em Psicologia da IMED, Bolsista Desempenho.

⁵ Graduanda em Psicologia da IMED, Bolsista Desempenho.

⁶ Graduando em Psicologia IMED, Bolsista FAPERGS.

Introdução

As drogas, ou substâncias psicoativas, podem ser entendidas por um conjunto de produtos capazes de modificar o curso de pensamento ou estados de consciência de quem as consome (Seibel, 2010). O uso de drogas é um fenômeno bastante antigo e possivelmente acompanha toda a história da humanidade, seja por meio de motivações culturais ou religiosas, de forma recreativa ou de enfrentamento de problemas. Esta relação, dependendo do contexto, pode apresentar um padrão de utilização altamente patológico, ocasionando prejuízos biológicos, psicológicos e sociais. (Duarte & Morihisa, 2012)

As drogas constituem um fenômeno complexo e muitas vezes são utilizadas para facilitar a sociabilidade dos sujeitos, intensificando as relações humanas (Carneiro, 2010). Segundo Orth e Moré (2008), o abuso de substâncias é expresso no indivíduo através da conduta adicta, e esta sustenta o processo da dependência química, constituindo um circuito que se retroalimenta constantemente e que está presente tanto no uso de drogas socialmente aceitas, as lícitas, como nas ilícitas. Quando este circuito é estabelecido, afeta diretamente as relações interpessoais do indivíduo, sendo a família o primeiro e principal sistema no qual se observam as consequências, seja na saúde do indivíduo que faz uso da substância, seja na extrema fragilização das relações familiares.

As relações familiares necessitam de competências interpessoais de seus membros para que sejam desenvolvidas convivências satisfatórias, oferecendo um ambiente de proteção diante de eventos ameaçadores. Da mesma forma, a precariedade em competências pode gerar conflitos familiares e até mesmo constituir uma rede de fatores de risco que propiciam comportamentos vulneráveis, como o uso de substâncias pelos membros que mais encontram-se fragilizados por esta inabilidade, sendo estes, os filhos adolescentes. A essas competências interpessoais, dá-se o nome de Habilidades Sociais. O presente artigo é uma revisão bibliográfica que tem por objetivo estabelecer relações entre os temas habilidades sociais, família e abuso de drogas. Para a realização da pesquisa foi feita uma busca nas bases de dados Scielo, Pepsic e BVS, bem como consultados livros referentes à temática abordada.

Habilidades Sociais

A origem dos movimentos em relação ao estudo sobre habilidades sociais se deu com Salter, em seu livro *Conditioned Reflex Theraph*. Referia-se a seis técnicas para aumentar a expressão dos indivíduos: expressão verbal de emoções; expressão facial das emoções, emprego da primeira pessoa ao falar; concordar ao receber atenções, cortesias ou elogios; expressar desacordo; improvisação e atuação espontânea (Caballo, 2007). Mesmo sendo difícil conceituar o termo Habilidades Sociais (HS), visto que nos últimos trinta anos numerosas definições deste conceito têm sido desenvolvidas (Gresham, 2011), o conceito de HS engloba um arsenal de variáveis como, por exemplo, a cultura, idade, sexo e situação socioeconômica de cada indivíduo.

Um comportamento socialmente hábil pode ser considerado como um conjunto de reações emitido em um contexto interpessoal que expressam sentimentos, atitudes, opiniões, ou direito de uma forma adequada e eficaz para com o contexto, respeitando o comportamento das outras pessoas e resolvendo problemas, diminuindo a probabilidade do surgimento de dificuldades futuras. Conceituar um comportamento socialmente hábil

pode implicar a especificação de três componentes da habilidade social, que possuem uma dimensão comportamental referente ao tipo de habilidade, uma dimensão pessoal que corresponde às variáveis cognitivas, e uma dimensão situacional que engloba o contexto ambiental (Caballo, 2003; Lunkes, Soares & Perger, 2011).

O ser humano participa de diferentes contextos na vida diária e estes, de algum modo, contribuem para a aprendizagem de desempenhos sociais que, em seu conjunto, dependem de um repertório de habilidades sociais. Conforme Del Prette e Del Prette, (2010), a decodificação dos sinais sociais explícitos ou sutis para determinados desempenhos, a capacidade de selecioná-los e aperfeiçoá-los e a decisão de emití-los ou não são alguns exemplos das habilidades que aprendemos para lidar com o contexto a que somos expostos e as demandas exigidas pelo meio social.

Del Prette e Del Prette (2009) afirmam que o comportamento de assertividade envolve a afirmação dos próprios direitos e expressões de pensamento e crenças de uma forma direta, honesta e apropriada. Cultiva-se em muitos estudos a ideia de expressão do próprio sentimento como uma necessidade independente dos sentimentos alheios. As principais características do comportamento assertivo são: expressar sentimentos negativos controlando a forma de expressão; procurar atingir os objetivos, preservando tanto quanto possível a relação; conseguir discordar do grupo; valorizar-se sem ferir o outro; produzir uma imagem positiva de si mesmo; defender os próprios direitos, respeitando o dos outros, entre outras.

Habilidades sociais familiares e abuso de substâncias

A família é um sistema social, formado por pessoas, as quais são unidades interdependentes que, através da comunicação e de comportamentos recursivos, estabelecem um intercâmbio recíproco (Schabbel, 2010). A vida familiar é estruturada de acordo com os vários tipos de relações, como por exemplo, marido e mulher, pais e filhos, entre irmãos e entre parentes; sendo necessário destacar que essas relações requerem demandas interpessoais por parte dos membros (Dell Prette & Dell Prette, 2010). Já Schenker (2008) contribui dizendo que os valores familiares centralizam-se a respeito de regras e conceitos construídos no seio da família, elaborados pelos adultos responsáveis, os quais, paradoxalmente, nem sempre vivenciam ou praticam eles próprios a normatização estabelecida. A importância de se pensar a família dentro desses paradigmas coloca-se na medida em que todos os seus membros são constituintes e constituídos nesse compartilhamento e, de maneira ampliada, as demais relações sociais se darão dentro desse processo.

O desempenho de habilidades sociais pode ser tanto uma fonte de satisfação como de conflitos no ambiente familiar. A existência de conflitos é inevitável, porém, o caráter saudável dos conflitos depende da forma como são abordados e resolvidos, remetendo ao nível de competência social dos indivíduos. No contexto familiar das relações entre pais e os filhos, o desempenho parental é representado por uma escala de habilidades sociais educativas, que podem influenciar o repertório comportamental dos filhos. Quanto maior a escala de ambos os pais, maior será a comunicação e participação em atividades escolares, culturais e de lazer. As práticas educativas que priorizam o afeto e o uso de limites à repressão, propiciam relacionamentos positivos, evitando comportamentos inadequados. Pais socialmente assertivos com seus filhos oferecem modelos sociais adequados para a resolução de problemas, obtenção de resultados, além de contribuírem para minimizar a possibilidade de problemas futuros

(Bolsoni-Silva & Dell Prette, 2002; Cia, Pereira, Del Prette & Del Prette, 2006; Dell Prette & Dell Prette, 2010).

As respostas sociais são aprendidas pela reprodução de comportamentos observados pelas outras pessoas da família. O comportamento dos pais como um modelo para o dos filhos fará com que a imitação dependa do relacionamento modelo-observador e também do reforço oferecido à emissão do comportamento observado. (Papalia, Olds & Feldman, 2010). Desta forma, como apontam Wagner, Oliveira e Caballo (2011), o aprendizado de novas habilidades interpessoais qualifica indivíduos a serem assertivos, defendendo seus direitos e desenvolvendo habilidades de recusa e enfrentamento de situações aversivas que ocorrem sob pressão de seus pares para o envolvimento em comportamentos não saudáveis, como a violência e o uso de substâncias psicoativas ilícitas.

A relação entre pais e filhos deve se basear em limites, autonomia e afeto, e a falta em um destes pontos pode refletir no processo de educação dos filhos. A habilidade social dos pais reflete de forma positiva na educação, podendo evitar comportamentos inadequados e problemas futuros; ao passo que a falta de um repertório adequado de HS pode afetar a convivência familiar. (Neufeld e Maehara, 2011). Segundo Weber, Prado, Viezzer e Brandenburg (2004), se os pais tivessem acesso a práticas educativas, seriam mais aptos a criar e manter comportamentos adequados e habilidades sociais, contribuindo para uma dinâmica familiar com afeto positivo e comprometimento. Para que a família possa apresentar maior funcionalidade, as habilidades devem relacionar-se em sentidos multilaterais, tanto pelos pais, como pelos filhos e outros integrantes.

A ideia de que há influência da família no desenvolvimento do abuso de substâncias é constatado na literatura científica e também pelos profissionais em sua prática clínica. Estudos de Queiroz (2010) apontam como fatores de risco familiares, o controle exagerado de um dos pais, enquanto o outro se apresenta omissivo e permissivo, padrões negativos de comunicação, como críticas e reclamações excessivas, normas de conduta confusas, expectativas irrealistas sobre o futuro dos filhos, mães frias, supervisão precária e castigos severos.

Assim, os fatores de proteção são condições ou características que diminuem os efeitos dos riscos, aumentam a resiliência e diminuem a vulnerabilidade dos adolescentes em exposição às drogas, protegendo também de outros problemas além do abuso de substâncias como violência, abandono escolar, gravidez e comportamentos sexuais de risco. Lares com regras claras e consistentes oferecem um desenvolvimento tranquilo para crianças e adolescentes, ainda mais se associadas ao envolvimento e interesse (diferente de monitoramento) de pais na vida dos filhos (Queiroz, 2010).

Habilidades familiares e sua repercussão na adolescência

O adolescente vivencia um período de intensa transformação biopsicossocial, buscando uma identidade e independência individual, absorvendo atitudes, ações e costumes do meio no qual está inserido. Nesta questão, a família se constitui socialmente em uma unidade primordial no âmbito da construção, formação e desenvolvimento dos indivíduos que a compõem, transmitindo às gerações valores, regras, costumes, ideais, além de modelos e padrões de comportamento (Moreno, Ventura, & Brêtas, 2009). Entre os fatores de risco ao uso de drogas pelas crianças e jovens está o consumo de drogas pelos pais, a não integração às atividades escolares, a desestrutura familiar, a violência doméstica, a pressão do grupo e a necessidade de integração social, além da busca pela autoestima e pela independência familiar.

O uso abusivo de drogas acarreta prejuízos aos jovens, à família e à sociedade, traduzidos em fracasso escolar, perda de emprego, rupturas familiares e violência, crimes, acidentes e encarceramentos. Estima-se que 39% das ocorrências policiais a cada ano estejam relacionadas ao uso de álcool e que 50% dos internamentos por problemas psiquiátricos sejam decorrentes do abuso de álcool e outras drogas (Bernardy & Oliveira, 2010).

A família possui o papel de inserir seus membros na cultura e ser instituidora de relações primárias, influenciando o modo como o adolescente, que encontra-se em um período crucial para a experimentação de substâncias entorpecentes, reaja às regras que lhes são propostas nos vários ambientes sociais (Schenker & Minayo, 2005). Na teoria ambiental ecológica, o desenvolvimento humano ocorre pela conexão do sujeito com o ambiente em que se situa, desde o mais próximo e interno, até o mais distante (Bronfenbrenner, 1996, 2002). A relação do adolescente com a família se dá em um ambiente que possui relação direta com este e, desta forma, se a família não for assertiva na maneira de interação, servirá como fator de risco à busca de substâncias.

A família tem forte influência no desenvolvimento saudável ou não de seus membros, pois ela é compreendida como o elo entre as diversas esferas da sociedade. A relação familiar, a atitude e o comportamento dos membros da família são modelos importantes e atuam como fator de proteção para o uso de drogas. Os jovens enfrentam importantes situações que afetam o seu futuro e bem-estar. Ao terminar esta etapa, estão iniciando muitas situações que determinarão sua forma de vida. Todavia, estão descobrindo seus interesses e talentos e adquirindo responsabilidades. O uso e abuso de drogas fazem parte de uma situação que está associada à fragilidade e limitação do jovem para responder criativamente às situações difíceis impostas no seu convívio social. (Bernardy e Oliveira, 2010).

Os adolescentes buscam sua independência a fim de obterem mais controle e decisão sobre suas vidas. Os pais, muitas vezes, confundem este processo natural com rebeldia, passando a questionar seus valores e opiniões. Esse desprendimento com as figuras parentais é preenchido com os amigos, que são tratados como os primeiros em valores de importância (Assumpção, 2008). Esta transição pode ocorrer de forma saudável, se esses aspectos forem compreendidos e negociados com afeto (Schenker e Minayo, 2003). A maioria das queixas dos pais em relação ao comportamento desadaptativo ocorre nesta fase de esquiva, e é esta a principal etapa nas quais as ações educativas se fazem necessárias, como o combinar normas de convivência coerentes com os valores familiares e estabelecer consenso quanto aos padrões de conduta assumidos por todos, ou seja, uma decisão conjunta com o jovem, que pode traduzir valores em comportamentos, implicando em diálogo e em habilidades a ele inerentes (Dell Prette e Dell Prette, 2010).

Considerações Finais

A família é o sistema mais próximo do sujeito, é ela que o integra na sociedade, oferecendo para isso, modelos de comportamentos através da relação entre os membros. As relações insatisfatórias entre os integrantes da família podem ser decorrentes de habilidades sociais deficitárias, as quais podem oferecer risco aos membros mais vulneráveis, geralmente os adolescentes, propiciando com que tenham mais chances de assumir comportamentos de risco, tais como o uso de drogas.

Apesar da literatura não contemplar estudos específicos sobre habilidades sociais em famílias com usuários de substâncias, foi possível estabelecer essa relação,

apontando que os jovens são os principais afetados pela precariedade das competências familiares. Pode-se inferir que a adolescência, por ser uma fase do desenvolvimento com características específicas, exige que os pais sejam habilidosos socialmente, e quando tais habilidades são deficitárias, corrobora para o surgimento de inúmeros comportamentos disfuncionais, entre eles o consumo de substâncias.

Considerando que as habilidades sociais são adquiridas através da aprendizagem, se os pais desenvolverem competências sociais, seus filhos provavelmente serão mais eficazes em resolver problemas futuros, emitir respostas assertivas de acordo com as diversas situações, renunciar a comportamentos negligentes e esquivar-se das drogas. Uma família protetiva deveria conseguir lidar e resolver seus próprios conflitos, utilizando-se para isso de autocontrole e demonstrações de afetividade. Os pais, por sua vez, deveriam utilizar habilidades educativas, como estabelecer normas e exercer seu papel com autoridade, exigindo e demonstrando respeito, estabelecer diálogo, *feedback*, interesse e participação na vida ocupacional de seus filhos, bem como ter conhecimento de seus grupos de pares.

Estudos referentes ao tema habilidades sociais e abuso de drogas com uma visão do papel da família ainda são escassas no cenário brasileiro. É necessário que novas pesquisas solidifiquem o estudo nesta área, visto que a família é a rede de apoio fundamental para a recuperação de usuários de drogas.

Referências Bibliográficas

- Assumpção, F.B. (2008). *Psicopatologia Evolutiva*. São Paulo: Artmed.
- Bernardy, C. C. F., & Oliveira, M. L.F. de. (2010) O papel das relações familiares na iniciação ao uso de drogas de abuso por jovens institucionalizados. *Revista da Escola de Enfermagem, USP*, 44 (1) Disponível em <[http:// dx. doi. Org /10. 1590/S0080-62342010000100002](http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342010000100002)>.
- Bolsoni-Silva, A. T., & Dell Prette, A. (2002) O que os pais falam sobre suas habilidades sociais e de seus filhos? *Argumento*, 7, 71-86.
- Bronfenbrenner, U. (1996, 2002). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. (Tradução de Maria Adriana Veríssimo) Porto Alegre: Artmed.
- Cia, F., Pereira, C. S., Dell Prette, Z. A., & Dell Prette, A.(2006). Habilidades sociais parentais e o relacionamento entre pais e filhos. *Psicologia em estudo, Maringá*, 11 (1), 73-81.
- Caballo, V. E. (2007). *Manual de Técnicas de Terapia e Modificação do comportamento*. 2ª reimp. São Paulo: Santos.
- Caballo, V. E. (2003). *Manual de Avaliação e Treinamento das Habilidades Sociais*. São Paulo: Santos.
- Carneiro, H. (2010). Breve histórico sobre o uso de drogas. In S.D. Seibel, (Org.). *Dependência de drogas*. São Paulo: Atheneu.

- Dell Prette, A., & Dell Prette, Z. A. P. (2010). *Psicologia das relações interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo*. 8 ed. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette Z. A., & Del Prette, A. (2009). *Psicologia das Habilidades Sociais: Terapia, Educação e Trabalho*. 6. ed. Petrópolis: Vozes.
- Duarte, C. E; Marihisa, R.S.(2012) Experimentação, uso e abuso e dependência de drogas.In: SENAD. *Prevenção do uso de álcool e outras drogas no ambiente de trabalho – Conhecer para ajudar*. 3. ed. Brasília: Ministério da Justiça.
- Gresham, F. M.(2009, 2011). Análise do Comportamento aplicada às Habilidades Sociais. In: A. Del Prette & Z. A.P. Dell Prette. *Psicologia das habilidades sociais*. Petrópolis: Vozes.
- Lunkes, F.P; Soares, R.L; Pergher, G.K. (2011). Interfaces entre treinamento de Habilidades Sociais e Acompanhamento terapêutico no Tratamento da Fobia Social e da Dependência Química. In: R. Wainer; N. M. Picolotto; G. K. Pergher et. Al (Orgs.). *Novas Temáticas em Terapia Cognitiva*. Porto Alegre: Vozes.
- Moreno, R.S., Ventura, R. N., & Brêtas, J. R. S. (2009). Ambiente familiar e consumo de álcool e tabaco entre adolescentes. *Revista Paulista de Pediatria*, 27(4),354-60.
- Neufeld, C. B; Maehara, N. P. (2011) Um programa cognitivo-comportamental de orientação de pais em grupo. In: M. G. Cainha, R. M. Caminha et. al (Orgs.). *Intervenções e Treinamento de Pais na Clínica infantil*. Porto Alegre: Sinopsys.
- Orth, A.P. S., & Moré, C. L. O. O. (2008). Funcionamento de famílias com membros dependentes de substâncias psicoativas. *Psicologia Argumento*, 26 (55), 293-303.
- Papalia, D.E; Olds, S.W.; Feldman, R.D. (2010). *Desenvolvimento humano*.10. ed. São Paulo: Artmed.
- Queiroz, S. (2010). Fatores de risco e de proteção para consumo de substâncias psicoativas entre adolescentes. In S. D. Seibel, (Org). *Dependência de drogas*. 2 ed. São Paulo: Atheneu.
- Schenker, M., & Minayo, M. C. S. (2003). A implicação da família no uso abusivo de drogas: uma revisão crítica. *Ciência e Saúde Coletiva*, 8 (1), 299-306.
- Schenker, M. (2008). *Valores familiares e uso abusivo de drogas*. Rio de Janeiro: Fiocruz;
- Schenker, M. & Minayo, M. C. S. (2005) Fatores de risco e proteção para o uso de drogas na adolescência. *Ciência e saúde coletiva*, 10 (3), 707-717.
- Schabbel, C. (2010). Mediação familiar de conflitos. In: S. D. Seibel, (Org). *Dependência de drogas*. 2 ed. São Paulo: Atheneu.
- Seibel, S. D. (Org.). (2010). *Dependência de drogas*. São Paulo: Atheneu.

Wagner, M. F., Oliveira, M. S., & Caballo, V. E. (2011). Treinamento de Habilidades Sociais e sua aplicabilidade na prática clínica. In: M. S. Oliveira, & I. Andretta, (Orgs.). *Manual prático de terapia cognitivo-comportamental*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Weber, L. N. D., Prado, P. M., Viezzer, A.P., & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17 (3), 323-331.

Endereço para correspondência:

Marcia Fortes Wagner
Av. Brasil Oeste nº 1152 aptº 502
Bairro Boqueirão CEP 99025-003
Passo Fundo – RS
E-mail: mwagner@imed.edu.br

Recebido em: 15/12/2012.

Aceito para publicação em: 22/12/2012.